



## NARRATIVAS DA CIDADE

Gavin Adams<sup>1</sup>

Como numa trombada de trens em câmara lenta, parece que sinto, desde 2015 pelo menos, um empuxo vertiginoso ao mesmo tempo que me vejo paralisados em pleno ar. A pose é de explosão, mas o arranjo espacial é de imobilidade.

Parte da vertigem decorre da velocidade alucinante das notícias, das reações e contramovimentos informacionais que fluem por nós em torrente, das redes às ruas e vice-versa. Foi num dia ao final de 2015 que, olhando à minha volta e percebendo a força do fluxo de informações, notei como as sensações geradas eram fortes mas logo superadas, pois as notícias do dia eram rapidamente substituídas por outras ainda mais urgentes, inaugurando nova onda de ansiedades. Pensei que íamos acabar esquecendo aquilo que vivíamos então e que valia a pena registrar os eventos e sensações.

---

<sup>1</sup> Artista plástico. Possui graduação em Artes Plásticas pela Universidade de Oxford (1995), mestrado em Gravura – Royal College of Art (1997) e doutorado em Cinema, Rádio e TV pela Escola de Comunicações e Artes – USP (2004).

Mas para isso pensei que não era o caso de compilar notícias, mas sim de relatar as movimentações de rua. O registro histórico e jornalístico já vinha sendo feito por agentes competentes, e não era o caso de competir ou de adicionar análises de conjuntura. A política certamente se dá nos gabinetes e reuniões de partidos e movimentos, mas é na rua que há um tipo de culminação, de emoção, de exposição e teste de posições que valia a pena ser registrado de alguma forma. As ruas iam fervendo, e, de fato, a partir de 2015 o espaço público se revelou palco de grandes e pequenas manifestações, respondendo à urgência de cada momento. Este foi o palco que decidi documentar.

Iniciei um diário onde anotava minhas impressões de tantas passeatas quanto podia acompanhar pessoalmente, manifestações de todos os espectros políticos, principalmente na cidade de São Paulo. Dessa forma, pude testemunhar a movimentação política nas ruas ao longo de quase três anos, começando ainda no governo Dilma e todavia em curso.

A ideia de um diário sobre os acontecimentos políticos vistos a partir da rua e relatados em primeira pessoa me veio quando conheci o trabalho de autores como Victor Serge, Walter Benjamin e Restif de la Bretonne. O tipógrafo e escritor de la Breton vivia e trabalhava na Paris do final do século XVIII. De noite, saía às ruas para perambular pela cidade, nas situações pré-revolucionária e revolucionária. Ao retornar à sua casa, escrevia sobre o que testemunhara nas ruas. Por causa das caminhadas noturnas, deu a si mesmo o apelido de “Coruja”. Assim, entre 1788 e 1794, formou-se um notável diário de mais de três mil páginas, onde o autor nos oferece uma espécie de crônica da Revolução, tal como vista da rua: *Les Nuits de Paris, ou Le Spectateur nocturne*. Trata-se de uma narrativa fragmentada e muito diferente das continuidades da historiografia, que atenta para os macrocenários e os atores institucionais. Como escritor, Restif de la Bretonne adicionou à narrativa testemunhal vários contos e ficções que, todavia, revelam muito sobre os costumes e questões em pauta da

época. Páginas do diário eram escritas e logo impressas, publicadas e circuladas pela Europa, e, seus leitores (de Kant a Goethe), podiam acompanhar os acontecimentos da cidade com notável atualidade.

De la Bretonne nunca foi considerado um grande literato, mas gozava de certa reputação à sua época, uma espécie de nêmesis do Marques de Sade, seu competidor e inimigo. Dentre seus volumosos textos encontra-se aquele intitulado “O Pornógrafo”. Ao longo dos séculos posteriores à sua morte, Restif foi objeto de ondas de renovado interesse. Uma dessas redescobertas foi realizada pelo Surrealismo. Breton e Aragon viam nele o “Rousseau da sarjeta” e o “Voltaire das empregadas”, uma espécie de modelo para a invenção de novos usos dissidentes da cidade moderna. Restif de la Bretonne incorporava, para os surrealistas, a condição do caminheiro urbano noturno, o espectador notívago da cidade. A condição do perambulador urbano foi retomada, em diferentes termos, na figura do *flâneur* do século XIX, discutida entre outros por Walter Benjamin.

Achei então que eu poderia tomar a posição do pedestre observador, uma testemunha ao rés do chão que observaria a ocupação política das ruas, buscando uma veia poética para enxergar a cidade que se transformava pela multidão de corpos ocorrendo ao espaço público. Este parecia então um excelente modelo para a minha pesquisa.

Procurei também enviar páginas do diário para uma lista de e-mails de amigos, e mais tarde passei a usar um blog para divulgação. No seu melhor, a crônica das ruas é escrita e publicada no mesmo dia, o que às vezes não é possível. Da mesma forma, há intervalos onde não há movimentação na rua, como no atual momento (julho 2018). A política hoje parece que se dá majoritariamente nas reuniões, peças de teatro, festas, discussões, festas juninas e gabinetes, o que traz pausas para o diário.

Fortemente impactado pelos acontecimentos de Junho de 2013, eu busquei, no diário, uma maneira de entender melhor o momento político, especialmente as tribulações da esquerda brasileira.

Percebia-se que havia um esgotamento do modelo lulista-petista, e que novos atores reivindicavam voz em estruturas que tinham dificuldade em aceitá-los. Esta cisão permeia todo o diário, desde cedo. Abaixo, um trecho da primeira página:

9 de dezembro 2015

Estive no ato dos estudantes secundaristas contra a reorganização da educação no estado. [...] Encontrei a S. ainda na Paulista e ela expressou alegria pela movimentação dos estudantes. De fato o ato estava muito belo, engrossou no caminho e estava cheio de secundaristas eles mesmos, sem lideranças de fora e com forte presença de autonomistas. Fiquei um pouco surpreendido com sua indiferença com a sorte de Dilma e do PT. “Intriga palaciana”, ela expressou. Este sentimento ecoou por outras bocas no correr deste fim de tarde, e me parece que os novos movimentos sociais não se sentem envolvidos na defesa do PT ou mesmo da institucionalidade.

O perfil dos novos atores e éticas coletivas na esquerda não estava então claramente detectável, então eu fazia uma espécie de etnografia dos movimentos, buscando identificar as pautas, palavras de ordem, bandeiras e pautas, cultura visual, algum tipo de indicador de origem social, alianças e inimizades que pudessem aparecer nos comícios e marchas. O campo daqueles que se organizaram na Frente Brasil Popular, por exemplo, era mais previsível e institucional. Mas os outros movimentos eram mais diversos – a constelação feminista, os sem-teto, os movimentos negros, LGBTQ, Arrastão dos Blocos, a Marcha da Maconha e outros:

1 de junho 2016: feministas na Paulista

[...] Aí eu vi uma gigante passeata de mulheres que vinha em direção à Augusta e os Sem-teto. Sua presença era fortíssima, umas 10 mil mulheres juntas, fechando uma via da avenida. Ouvia um rumor de ecos e contra-ecos de palavras de ordem,

gritos e chamadas que só posso descrever como *demoníacas*. Um enorme cortejo de manifestantes enraivecidas estava presentes a se juntar à ocupação dos Sem-teto. Muita gente chegando nessa hora, a sensação era de que toda a cidade convergia para aquele local. Tremi de emoção com esse encontro.

“Nem recatada, nem é do lar, a mulherada está na rua pra lutar!”  
“Não temeremos!”

Muitas jovens mesmo, várias com bebês no carrinho, muitas desafiadoras com os peitos de fora, incontáveis cartazes feitos à mão. “Ser mulher sem Temer” diziam vários deles. “Estupro nunca mais”. Uma faixa rosa trazia a mensagem “Mexeu com uma mexeu com todas”. [...]

Notei que várias policiais no local eram mulheres, e pensei como seria que as pautas antiviolença de gênero repercutiam nelas.

26 de maio 2018: Marcha da Maconha

Saí do metrô Trianon-MASP às 16h para ir à Marcha da Maconha. Já no trem tinha muito jovem, todos alegres. Saindo na calçada deu para sentir a marofa, em frente ao prédio da FIESP. De lá deu para ver que encheu bastante, um total de 50 mil pessoas. Depois M falou como esse tipo de manifestação é exatamente o que faltava: muita paz e rebeldia, gente feliz na rua, massiva. O movimento dos caminhoneiros não arrefeceu e continua incendiando as redes.

A grande maioria era de jovens entre 20 e 30, mas tinha uma notável presença teen. Até umas famílias tinha. É sempre curioso como a Marcha, politizada, puxa o público que toda a esquerda gostaria de ter: a periferia vem em peso, as mulheres e os negros. É curioso que este tipo de manifestação consegue combinar as pautas com o futuro das pautas. Não apenas pedem a legalização, mas também realizam a legalização ao fumar maconha a céu aberto. [...]

Em baixo do vão do MASP, vi grande fumaréu tomar o espaço acima das cabeças. Todo mundo (umas 40 mil pessoas, gritavam juntas: “Ei, polícia, maconha é uma delícia”. Depois, já na avenida, o povo puxou outra: “Ei, maconha, polícia é uma vergonha!”).

1 de abril 2017: Cordão da Mentira

[...] Um moço negro na perna de pau tomou o microfone e começou a cantar um belo samba, que eu ainda não conhecia, sobre um ativista negro do passado de São Paulo.

“Estou enterrado na rua da glória  
Lembre de mim se passar por aqui  
Sou fato oculto da tua história  
Mas veja ainda estou aqui (...)

Não caia na velha armadilha.  
Fazer poesia pra luz da cidade.  
Se lembre, pagaram com sangue pra ter liberdade.  
Lembre que estou!”

8 de abril 2016: Arrastão dos Blocos

Um animado grupo de pessoas cantava ao redor de um carinho de som. Ainda estava claro, e umas 70 pessoas se aglomeravam à volta dos instrumentos. Achei a ideia de juntar os blocos na rua muito boa, claramente se fazia um agito muito mais acolhedor do que um carro de som sindicalista ou militante institucional. Curiosos e passantes vinham ver o que se passava, (...) um esquento ao som da marchinha de carnaval composta para a ocasião:

Arrastão dos blocos  
Nem um passo atrás  
Folia da democracia  
Golpe nunca mais  
Quando o bloco vai pra rua  
A massa loka gruda atrás  
Não tem coxinha, pato, nem filé mignon

Tem bandeiras coloridas, nheco nheco no baphon  
Tira seu ódio, vem vestir a fantasia  
Desce do Moro, rala o Cunha até o chão  
Justiça mercenária, Congresso obscuro  
Se eles se acham macho, nosso grelo é duro!

As ruas incharam e murcharam em imprevisíveis pulsões, nem sempre acompanhando a agenda dos atores políticos. Mas algumas manifestações pró e contra o impeachment acabaram por atrair um grande número de pessoas. A maior delas certamente foi a que antecedeu a derrubada da presidenta:

4 de dezembro 2016: Manifestação verde e amarela na Paulista

Cheguei ao quarto carro de som da avenida, na esquina da Pamplona. Era um ponto de intervencionistas militares [...]. De fato agora os militaristas estão mais ao centro da pauta, ainda que o VemPraRua fosse o destaque maior.

Dá para dizer que vi na avenida evidência da análise que existe hoje um embate entre a direita e a extrema direita, e que essa luta é a luta central no Brasil. Os militaristas que vi hoje, e que vi na manifestação pró-Trump batendo nos autonomistas (exatamente os mesmos), estão sacando que seu discurso anti-establishment vai reverberar num contexto de colapso da acomodação neoliberalismo/socialdemocracia (no Brasil PSDB/PT). O MBL disputa esse lugar, mas num discurso híper-liberal que no fim é apenas o discurso da globalização/financeirização. Os intervencionistas militares estão melhor posicionados para se alinhar ao justicialismo da Promotoria, mais evangélicos e policiais (e classe média), para se apresentar como arranjo local da nova ordem mundial, ou *pax americana* trumpista protecionista, ao invés das elites globalizantes (PSDB).

[Um orador no carro de som dizia:] “A Lava Jato precisa continuar e atingir os comunistas Lula, FHC e Aécio”. “O STF realiza a ditadura de esquerda no Brasil”, emendou. “O legislativo

e o executivo estão tomados pelos comunistas”, e “os militares sempre foram pela democracia. Inclusive o general Figueiredo passou a faixa e tudo, saiu pela porta dos fundos, dizendo: ‘então eu vou embora, mas agora quero ver vocês aguentarem o Partido dos Trabalhadores’”.

Fiquei atento para ver como era a reação dos outros passantes e manifestantes. Um ou outro acharam graça, gritando “vocês estão loucos!”. Já um senhor de chapéu de couro à cabeça indicava com o polegar para baixo a sua reprovação. Mas, no geral, a insistência no bordão “que se vayan todos”, reiterando que toda instância civil é essencialmente corrupta, caía bem entre os manifestantes e passantes. Havia uma reverberação grande no clima salvacionista geral: a matriz bonapartista (o salvador de fora) era consistente com a manifestação como um todo.

17 de abril 2016: votação do impeachment na Câmara

No Vale do Anhangabaú continuava a votação [transmitidas aos telões]. As primeiras abstenções me deram grande esperança, pois a imprensa anti-golpe se fiara nesse tipo de voto para a virada. Mas a realidade foi um show de horrores. As justificativas se alternavam entre escabrosas e previsíveis. Muitos deputados dedicando seus votos a suas famílias, ou a deus, ao Brasil. Alguns brilharam em seus desafios abertos a Cunha, apontando-lhe o dedo. Mas outros ofuscaram a vida humana, tal como Bolsonaro que dedicou seu voto à memória do torturador Brilhante Ustra. Ivan Valente fez incrível fala, assim como seu colega do PSOL Braga. As perorações contra a corrupção eram especialmente irritantes, vindas de notórios corruptos. E muitos estritamente contraditórios: “contra Cunha, voto Sim!”.

[...] Quis beber e sentar um pouco. Já presentindo o pior e oprimido pelos pronunciamentos, busquei um boteco na esquina da São João com o Paissandu. Sentei ao balcão e pedi um Dreher com Coca-cola. Muita gente no bar acompanhava a votação pela tela do estabelecimento. Vi os votos de Benedita da Silva, Sérgio Reis, Maluf e de Tiririca. As litanias se alongavam e meu humor despencou: a derrota já era inevitável.



A violência policial apareceu em muitas ocasiões, notadamente contra jovens da “nova esquerda”:

12 de janeiro 2016

[...] Segui com o povo [da manifestação do Movimento Passe Livre]. Já quase perto da Angélica as pessoas estavam meio dispersas, muitas delas paradas pelas ruas. Ouvi sirenes e pressenti um fechamento. Caminhei para trás, buscando a esquina da Sergipe com a Sabará, afastando-me da aglomeração. Bem nessa hora chegaram viaturas e motociclistas, que fecharam o quarteirão que eu acabara de deixar. Chegou a linha de artilheiros, que bombardeia o grupo de manifestantes. Do outro lado a mesma coisa: uma imensa nuvem tóxica tomou todo o quarteirão com as pessoas no meio. Olhava a partir de um ponto um pouco mais para baixo na Sabará, com outras poucas pessoas, e fomos alvejados também. Corri pela Sabará, descendo em direção ao Mackenzie. Passei a caminhar quando me vi sozinho, o que julguei mais seguro. Notei que uma frota de umas 10 motocicletas descia a Veridiana e entrava em cada uma das transversais, varrendo aquele trecho do bairro. Estava quase na altura do Mackenzie quando um grupo de uns 15 meninos apareceu correndo, atrás de mim na mesma calçada. Em seu encalço, o tal grupo de motocicletas. Acabei no meio dos meninos encurralados. Os policiais desmontaram de suas motos, brandiram seus cassetetes e se aproximaram para nos bater. Nessa hora levantei os braços e busquei o espaço entre dois PMs. Deu certo e a pancadaria se deu às minhas costas. Depois de um minuto ou dois, os policiais montaram em suas motos e foram em busca de novos agrupamentos.

Igualmente importante no projeto do diário era algum tipo de registro das sensações e emoções, que certamente não iriam compor uma futura narrativa historiográfica. A iminência do desastre, a sensação de enorme perigo, de derretimento institucional, tudo isso assombrava o lado não-golpista da polarização. A cidade oferecia imagens e *tableaux vivants* de enigmática beleza:

Um dia de abril 2017

Acho que é feriado e almoço em um boteco na Vergueiro, perto da estação Ana Rosa. Dois PMS almoçam perto de mim, mas não dou bola. Tenho a sensação de que tudo desabou. Tento acompanhar o que creio ser a nova esquerda e navegar novas ondas do futuro. Mas a sensação de cerco é muito grande. A imprensa, Veja e Globo, jogam muito sujo, e não há imprensa independente o suficiente para se contrapor. A dobradinha imprensa/Lava Jato é destruidora. Reli recentemente o artigo de Sergio Moro e o papel da imprensa de fato é crucial na condenação extra-judicial dos acusados.

Enquanto eu pensava que as esquerdas precisam muito agora preparar a clandestinidade, bizarramente passou um grupo de uns 100 ciclistas, todos com cestas de flores ao guidão. Foi muito estranho e de uma beleza improvável, os PMs ainda comiam perto de mim e notaram os passantes.

Saí fora e fui para casa.

Em outras ocasiões, a ruptura era bem mais visível e inescapável. Tudo estava em aberto e foi possível lançar reações:

28 de abril 2017: Greve Geral

[De manhãzinha no centro]. Observei um pouco e segui em direção ao Teatro Municipal. Vi, ainda na Xavier, um orelhão destruído e restos de algo que ardera até virar cinza, no asfalto. O Shopping Light estava totalmente fechado, e também as Casas Bahia. Havia um pequeno contingente policial em frente ao Teatro. Na esquina com a Barão de Itapetininga, um grupo de uns 30 Sem-teto gritavam e dançavam na calçada. “Polícia é pra ladrão, abaixo a repressão!” e “Fora Temer!”. Tinha alguma imprensa no local e fiquei para ver. Entendi que os Sem-Teto eram de uma ocupação ali pertinho, na rua Marconi, e estavam tensionando o centro. Depois vi vários lixos em chamas e restos de barricadas em várias ruas da região central. Ali mesmo, dois orelhões desfolhados pendiam abatidos.

O clima era mesmo de certo descontrole, tipo insurreição: eram muitas ações em muitos pontos do país e da cidade, e o tensionamento dos Sem-Teto garantia que o comércio não tinha coragem de abrir. Se havia um dia para sair em revolta, arregaçando, este dia era hoje. A polícia estava muito solicitada e as ações espalhadas por toda a cidade. O pouco povo na rua, sem ter muito para onde ir, colava perto. Alguns passantes ainda gritavam “Fora Temer!”. Os 10 funcionários do Dr. Consulta, que tem um janelão no primeiro andar do edifício na esquina com a Barão, checavam seus aparatos eletrônicos e conferiam a movimentação lá em baixo. Uma travesti jovem veio perguntar o que eu escrevia e contou que ela morava na Brasilândia, mas que dormira na casa de uma amiga e portanto conseguiu estar lá. Comentamos como a cidade estava vazia. [...]

[Passeata do MTST chega à casa de Temer]. Eram 20h quando chegaram umas 10 viaturas com mais de 20 soldados na praça atrás das grades. Era claro que ia ter ataque policial. Dito e feito: 5 bombas foram lançadas contra a multidão, e também gás lacrimogênio. O povo saiu fora correndo, mas não em pânico total. Foi possível caminhar correndinho e retornar para a praça, onde havia árvores que nos protegiam. A tropa se posicionou em frente às grades, onde estivéramos, e depois de um pouco começou a atirar. Contei mais 5 detonações e pelo menos três bombas de gás. Tinha manifestante que ia enfrentar, e tocavam fogo no lixo ou em folhas de palmeira que repousavam no chão. Vi uma bandeira negra com o A anarquista e vários mascarados indo para a linha de frente. Um deles vestia um moletom escrito St. Pauli. Outro maluco tinha trazido sua cuíca e enchia a praça escura com seu som dolente. [...]

Eram 20:45h e o cheiro de gás era muito forte na praça [Panamericana]. Vimos uma agência Drive Through do Itaú destruída. Tentamos sintonizar M e aguardamos junto ao mercado.

Depois da varredura policial principal, que é ordeira e rigidamente coreografada, tem a fase da caça e agressão, onde as

unidades policiais têm liberdade de buscar e agredir manifestantes aleatoriamente. R, que veio de bike e ficou mais atrás da passeata, relatou depois como viu as motos da ROCAM saírem motivadas à agressão. Ele contou que viu o caveirão da PM, que é um castelo sobre rodas, abafar uma pequena barricada de lixo em chamas. [...]

Percorremos a Pedroso de volta ao Largo [da Batata]. Vimos muitas vidraças quebradas, incluindo pelo menos dois bancos perto do Habibs. A vidraça desse restaurante foi pichada, mas estava inteira. Notei as pichações “Mate seu patrão” e várias pilhas de lixo queimando ao longo do caminho. Uma viatura da PM, estacionada, escondia um soldado que às vezes atirava bombas nos passantes. Vimos uma repórter ser hostilizada por manifestantes indignados. O cheiro de gás era muito forte em vários momentos.

O fechamento do ciclo lulista-petista encaixa-se em um clichê que ouço (e espalho) muito: “o velho já morreu, mas o novo não nasceu ainda”. Para minha geração, esta é uma passagem difícil e cheia de armadilhas do afeto.

13 de abril de 2016: Largo da Batata

Tenho tido contato com quem é pessimista e teme conflagração séria no domingo [votação do impeachment na Câmara]. Um governo Temer será ilegítimo de saída e terá que se impor pela defesa da ordem, com guinada à direita.

Mas agorinha o clima é de liberdade e de expressão livre. Não há polícia e fala-se abertamente de resistência ao arbítrio. Camisetas e bandeiras vermelhas circulam livremente, um moço vende gravuras no cordel, muitos fumantes conversam tranquilos e o ambiente é de balada. Vejo incontáveis bermudas e bonés, vestidos curtos estampados, estou cercado do erotismo indomável da juventude no espaço público.

Estou sentado no banco de madeira e sinto-me no último verão do amor da era democrática, na última brisa benfazeja do

consenso de 1988. Estou em paz, cercado de corpos amigos, mas também estou pessimista. [...]

Achei essa ocupação do Largo da Batata muito boa, tem sido super importante estar na rua e juntos, não ficar em casa olhando a internet. Tem sido legal ver a variedade de leituras da situação, a variedade de posições de esquerda. Mas não pude deixar de notar diferença de ser jovem em 1984, quando ingressei na universidade e hoje. Encontrei o grande mundo no ano das Diretas Já, que, apesar de derrotada, indicou um tipo de ocupação da cidade que eu só tinha lido a respeito na literatura fantástica. E as escolhas políticas eram mais claras, o *establishment* era violento e a invenção e liberdade estavam na oposição democrata radical. Mas a luta que vem aí vai exigir muito mais dos jovens de hoje.

Admiro os jovens hodiernos, pois eles têm que lidar com uma situação mais delicada, onde a defesa da ordem é a defesa da invenção. Procuro não contaminar os jovens com minha nostalgia regressiva, e tento a todo custo vencer a tentação de encerrar minha luta aqui, de passar o bastão e me recolher à vidinha burguesa para criar pequenos indivíduos herdeiros de meu patrimônio. Mas que o próximo ciclo de lutas vai ser longo, isso vai. Só espero ter a humildade de reconhecer nas novas lutas algum tipo de posicionamento que eu possa chamar de esquerda.

Enfim, uma história aos pedaços... Neste formato que está entre a literatura, a pesquisa, a confissão e o mapeamento, tem sido possível realizar um interessante trabalho que, se modesto em sua ambição, pode ainda ser útil na compreensão dos anos conturbados em que vivemos. Pode ser que as transições que hoje parecem tão difíceis de detectar e descrever sejam mais claras adiante, e que documentos como o diário contribuam com material indisponível em outras fontes.